

celeraria. Bertolameu de Gamboa, escriuão dos contos do Reino e casa, a fez em Lixboa a trinta de maio ano do nacimiento de noso Senhor Iesus xpo de mil e seis centos quarenta e quatro. ElRei».

(Torre do Tombo, Chancellaria de D. João IV, *Doações*, liv. 17, fol. 51).

3. Nota da moeda cunhada em Lisboa no anno de 1556

«Esta he a moeda que se laurou na casa da moeda desta cidade o anno passado de lbj.

«It. se laurarão cimquo mill cento setemta e dous marcôs douro que vallem a rezão de xxx rs. o marco $\text{iiij}^{\text{c}}\text{lxxx} \text{bij} \text{ix}$ cruzados.

«E de prata dezaseis mill e setecentos marcôs que vallem a rezão de dous mill e seis centos rs. o marco $\text{c}^{\text{to}} \text{biij} \text{b}^{\text{c}} \text{l}^{\text{a}}$ cruzados.

«E em cobre omze mill cruzados que monta ao todo $\text{b}^{\text{c}} \text{bij} \text{iiij}^{\text{c}} \text{l}^{\text{a}}$ cruzados.

(Torre do Tombo, *Collecção de S. Vicente*, liv. 9, fol. 246).

SOUSA VITERBO.

Contribuições para a historia da pesca, em Portugal, na epocha luso-romana

1. Anzoes e outros objectos de pesca, achados no Algarve

A pesca foi largamente exercida na Peninsula pelos Romanos. Attestam-no em demasia os escriptores classicos, os symbolos das moedas coloniaes da Hispania, os tanques de salga que existem por todo o littoral algarvio¹, e os instrumentos de pesca encontrados em abundancia nas estações d'esta epocha.

São, pois, estas as fontes a que devemos recorrer para o estudo da historia da pesca neste periodo. Nós, porém, não pertendemos aqui escrevê-la minuciosamente, mas apenas esboçá-la a largos traços, como introdução ao presente artigo, cujo assumpto são os anzoes romanos existentes no Museu Ethnologico Português, pertencentes á collecção algarvia organizada por Estacio da Veiga, agora encorpada naquelle Museu.

¹ Estacio da Veiga, *Memorias das Antiquidades de Mertola*, Lisboa 1880, 1, p. 121.

É certo que o povo-rei, conhecendo a riqueza das nossas ágoas, tanto maritimas como fluviaes, e tendo nellas recurso para a sua alimentação, as explorou largamente, continuando assim uma industria já cultivada antes d'elle pelos phenicios.

E o peixe que os Romanos pescavam não era só consumido pelas povoações ribeirinhas, mas exportado em conserva para o interior do imperio, talvez até para a propria Roma.

Do *garum* da sua patria escrevia Marcial:

Candida si croceos circumfluit unda vitellos,
Hisperius scombri temperet ova liquor¹

Plinio² e Estrabão³ citam tambem o *garum* da Hispania.

Polybio⁴, falla dos atuns, que engordavam nas costas do sul da Peninsula, por ahi haver em abundancia um *cárvaho* submarino, que produzia a *glande*, de que elles eram muito vorazes.

Estrabão⁵ refere o mesmo factio, transcrevendo-o de Polybio. Mas parece que aqui houve confusão de Estrabão ou Polybio, entre o *Fucus vesiculosus* e a *Ilex major*⁶.

Oppiano, poeta grego, dos fins do sec. II de J. C., refere-se tambem aos atuns do mar iberico⁷.

Justino⁸, Marcial⁹, Estrabão¹⁰ fallam da abundancia de peixes dos nossos rios, referindo-se os dois ultimos escriptores em especial ao Tejo.

Nas moedas coloniaes da Hispania são muito frequentes os peixes como symbolos das colonias maritimas, como o arado o era das agrarias, e as insignias marciaes o eram das militares. Encontram-se figuras de peixes nas moedas de Myrtilis e Salacia, cidades da Lusitania.

Estacio da Veiga cita accidentalmente na sua obra de prehistoria algarvia¹¹ varios pontos do littoral d'esta provincia, em que existem

¹ *Epigrammas*, XIII, 40.

² *Historia Natural*, XXXI, 43.

³ *Geographia*, III, IV, 6.

⁴ *Historia Geral*, XXXIV, 7.

⁵ *Ob. cit.*, III, 7.

⁶ *Geographia de Estrabão*, versão de G. Pereira, Evora 1878, III, parte 1, nota e.

⁷ *Halieutica*, III, 620.

⁸ *Historias*, XLIV.

⁹ *Ob. cit.*, X, 78.

¹⁰ *Ob. cit.*, III, 3, I.

¹¹ *Antiguidades monumentaes do Algarve*, Lisboa 1886-1891, I-IV.

tanques de salga. Mas onde elles se acham melhor conservados é em Búdens, na Bôca-do-Rio, e proximo a Tavira na região balsense; são do typo dos da Troia, já descriptos e figurados n-*O Arch. Port.*, III, 158.

Não só no Algarve e em Troia apparecem as *ταρχεῖαι* dos phenicios, mas em varios pontos do littoral da Andaluzia¹.

Plinio² e Estrabão³ citam numerosos estabelecimentos de salga de peixe, nas proximidades de Carthagena, e em outros pontos de Hespanha.

Instrumentos de pesca tem sido encontrados com abundancia em Portugal, em estações d'esta epocha, e d'elles vamos adeante tratar.

*

São em numero de 46 os anzoes e fragmentos, da collecção algarvia do Museu Ethnologico Português.

Todos são de cobre ou bronze, excepto um, o maior dos colleccionados, que é de ferro.

Dois typos se observam nestes anzoes: um, farpado, semelhante aos actualmente usados (fig. 1); outro, sem farpa, simplezmente aguçado na extremidade menor, semelhante a outros congeneres da idade do bronze (fig. 2).

No entanto, de modo geral, os *hami* que estamos tentando descrever, constam de uma haste de metal, mais ou menos cylindrica, recurva, que forma dois ramos desiguaes, o maior dos quaes tem a extremidade levemente achatada, a fim de receber a linha, e o menor é farpado, ou simplesmente aguçado.

O seu tamanho varia muito. O anzol maior, que é o de ferro, mede 0^m,072 de comprido, proveniente, assim como o menor, que apenas mede 0^m,018, da Torre d'Ares (antiga Balsa).

O tamanho dos outros é intermedio entre estes dois. D'estes 46 anzoes e fragmentos, 20 são farpados e outros 20 apenas aguçados.

Porém como alguns exemplares se acham muito oxydados pelo seu longo estacionamento em terra humida, é possivel que a farpa desaparecesse.

¹ E. Hübner, *La arqueologia de España [y Portugal]*, Barcelona 1888, I, pp. 223 e 224.

² *Ob. cit.*, XXX, 43.

³ *Ob. cit.*, III, IV, 2, 6; II, 6.

Nesta collecção acham-se mais ou menos representados todos os concelhos do Algarve, porém o que mais contribuiu foi o de Tavira, pois que da Torre d'Ares (Balsa), neste concelho, ha 17. Depois foi o de Villa do Bispo com 12; o de Olhão, com 5; o de Faro, com 4; o de Portimão com 3; os de Silves e Loulé com 2 cada um, e finalmente o de Villa Real com 1.

Não indicamos as proveniências em especial, isto é, as freguesias, lugares, etc., porque a lista seria longa, e de pouco interesse, mas o apparecimento de anzoes nestas estações indica pontos onde se praticou a pesca. Não sabemos porém as circumstancias em que estes anzoes foram achados, pois que a parte das *Antiquidades monumentaes do Algarve*, que devia abranger os tempos historicos, onde elles



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

seriam descriptos, não se publicou; é todavia para notar que em muitos dos lugares d'onde provém foram assignaladas ruínas de estabelecimentos de salga de peixe¹.

Da grandeza de alguns exemplares, e da pequenez de outros concluimos que os peixes pescados eram de tamanhos muito diversos.

O Algarve não nos offerece unicamente estes instrumentos de pesca. Agulhas de fazer rede de bronze, ha tres no Museu Ethnologico, tambem pertencentes á collecção algarvia, sendo duas da região balseense (fig. 3), e uma do Montinho das Lorangeiras, no concelho de Alcoutim, onde existiu uma *villa* romana, que tambem forneceu pesos

¹ Sobre os vestigios d'estes estabelecimentos no littoral do Algarve, estamos preparando um artigo que será publicado n-*O Archeologo Português*.

de rede de barro, e onde foram descobertos pavimentos de mosaico, que representam peixes, talvez symbolos do christianismo. Agulhas de fazer rede, de metal, ha-as na collecção archeologica do Sr. Teixeira de Aragão, provindas tambem da região balsense. Pesos de chumbo, de rede, analogos ás *chumbadas*, ainda hoje usadas pelos nossos pescadores, tem sido encontrados em estações romanas no Algarve, e muitos exemplares d'esta especie se acham no Museu Ethnologico.

Na collecção do Sr. Judice dos Santos, depositada na Bibliotheca Nacional de Lisboa, ha um pêso de rede, de barro, discoide, proveniente de Portimão, do typo de um da Troia existente no Museu Ethnologico, e que adeante descrevemos. Pesos semelhantes a estes ha-as no Museu Lapidar do Infante D. Henrique, em Faro, naturalmente de proveniencia algarvia.

No Museu Municipal da Figueira ha, proveniente da freguesia de Búdens, Bôca-do-Rio, um anzol de bronze sem farpa¹.



Fig. 4

Não são só estes os exemplares de instrumentos de pesca descobertos em Portugal.

No Museu Nacional de Bellas Artes e Archeologia de Lisboa ha tambem, entre muitos objectos provenientes de Alcacer do Sal, alguns anzoes e agulhas de fazer rede, de cobre ou bronze.

Na Troia, em Setubal, appareceu outra agulha de fazer rede².

Da mesma proveniencia ha no Museu Ethnologico um *pandulho* discoide de barro (fig. 4), que mede 0^m,70 de diametro.

No Museu Mineralogico da Escola Polytechnica ha um *grosso anzol* de cobre proveniente da Fonte da Ruptura, proximo a Setubal³.

No Museu Municipal da Figueira, ha provenientes do *crasto* luso-romano de Santa Olaya, alguns *pesos* feitos de cacos romanos, com

¹ Santos Rocha, *Memorias sobre antiguidades da Figueira*, 1897, I, p. 231.

² *Annaes da Sociedade de Archeologia Lusitana*, partes I e II, 1850-1851.

³ *Antiguidades monumentaes do Algarve*, IV, p. 148.

vestígios do sulco de suspensão, mas tanto poderiam ter sido de rede, como de tear.

Os peixes, molluscos, e monstros marinhos apparecem frequentemente representados nos mosaicos romanos do Algarve. Exemplaes com semelhantes representações, provindos de lá, estão no Museu Ethnologico.

Comquanto seja esta epocha uma das mais abundantes em vestígios da industria das pescarias, encontramos-os em Portugal no periodo neolithico, e noutros países tambem com mais ou menos abundancia, desde o periodo paleolithico, até o presente, e por isso o Sr. Gabriel de Mortillet diz: «La pêche est aussi vieille que l'humanité»¹.

A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.

Circular do Rev.^{do} Bispo de Bragança sobre Archeologia

É com vivo prazer que vemos o Alto Clero português interessado na grande obra dos estudos da archeologia nacional.

Os Srs. Parochos podem na verdade prestar incalculaveis serviços neste sentido, como já a respeito de alguns se tem visto n-*O Archeologo Português*.

Merece, pois, vehemente applauso o Rev.^{do} Prelado de Tras-os-Montes pelo impulso que pela sua parte procura dar á sciencia archeologica na sua diocese.

Já em caloroso artigo publicado n-*O Norte Trasmontano*, de 26 de Novembro de 1897, lhe respondeu o sr. P.^o José Augusto Tavares, parochos de Maçôres (Moncorvo), o qual allia á palavra o exemplo, pois muitos serviços lhe deve o Museu Ethnologico Português, que o conta entre os seus mais desvelados protectores.

J. L. DE V.

Circular.— Sendo informado da organização de um museu de archeologia nesta cidade, devido á iniciativa de um illustrado official do exercito, aqui residente e filho d'esta nossa Diocese, o qual se distingue,

¹ *Origines de la chasse, de la pêche, et de la domestication*, Paris 1890, I, p. 302.